

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Um excursão em torno das noções de situação limite, situação crítica e vulnerabilidades interacionais em contextos de co-presenças engolfadas. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 17, n. 51, p. 27-37, dezembro de 2018 ISSN 1676 8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Um excursão em torno das noções de situação limite, situação crítica e vulnerabilidades interacionais em contextos de co-presenças engolfadas

An excursion around the notions of limit-situation, critical situation and interactional vulnerabilities in contexts of co-presence engulfed

Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Recebido: 15.10.2018

Aceito: 01.11.2018

Resumo: Este ensaio busca compreender as noções de situações limites, situações críticas e de vulnerabilidades interacionais em contexto de quebra da normalidade normativa que rege uma dada sociabilidade, a partir de uma perspectiva interacionista goffmaniana. A análise tem em mente sociedades de pequena escala baseadas em laços sociais densos e imersos em situações de intensa co-presença, apesar de que os autores aqui utilizados tenham sempre trabalhado o social de uma forma geral. Este ensaio assim parte de uma definição ampla de sociedade, apresentada a partir da análise simmeliana. Definição esta, de forma geral, seguida pelos autores interacionistas e, aqui, particularmente, pela perspectiva goffmaniana. Desde modo, este ensaio mais do que realizar uma discussão conceitual, apresenta um passeio sobre processos interacionais vistos enquanto situações densas e sujeitas a impasses, sempre tensos, e a processos de falência moral e conflitos. Processos interacionais esses sobrecarregados, do mesmo modo, por ansiedade e medo. E, não obstante, movidos por sentimentos de remontagem e adequação dos elos fragmentados: seja em possibilidades novas de pertencimento, seja também na vontade irônica e melancólica de reconstrução de uma cultura emotiva sentida como perdida, ou idealizada como um passado sem retorno. **Palavras-chave:** vulnerabilidades interacionais, copresença, situações engolfadas, situação limite, situações críticas

Abstract: This essay seeks to understand the notions of limits situations, critical situations and interactional vulnerabilities in the context of breaking normative normality that governs a given sociability, from a Goffmanian interactionist perspective. The analysis has in mind small-scale societies based on dense social ties and immersed in situations of intense co-presence, although the authors used here have always worked the social in general. This essay thus starts from a broad definition of society, presented from the Simmelian analysis. This definition is generally followed by interactionist authors, and here, in particular, by the Goffmanian perspective. Thus, this essay more than conducting a conceptual discussion, presents a tour of interactional processes seen as dense situations and subject to always tense impasses, and to processes of moral bankruptcy and conflicts. Interaction processes that are overloaded, in the same way, by anxiety and fear; and, yet, moved by feelings of reassembly and adaptation of the fragmented links: either in new possibilities of belonging, or also in the ironic and melancholic will to reconstruct an emotional culture felt lost, or idealized as a past without return. **Keywords:** interactional vulnerabilities, co-presence, engulfed situations, limit situation, critical situations

Este ensaio realiza um excuro em torno dos processos de quebra de normalidade normativa de uma dada sociabilidade e as vulnerabilidades sociais dela resultantes, a partir de uma perspectiva interacionista goffmaniana. O ensaio passa em revista, de modo elástico, situações limites, situações críticas e vulnerabilidades interacionais em contextos de quebra da normalidade normativa que rege uma dada sociabilidade. A análise tem em mente refletir sobre sociedades de pequena escala baseadas em laços sociais densos e imersos em situações de intensa co-presença, apesar dos autores aqui presentes terem focado suas pesquisas no social mais geral. O ensaio tem início com uma definição ampla de sociedade, apresentada pela análise simmeliana e, de certa forma, se pode dizer, seguida pela perspectiva interacionista, e, principalmente, pela proposta teórico-metodológica goffmaniana assentada em sistemas de expectativas abertos e experimentados nos jogos simbólico interacionais conduzidos em um contexto situacional dado.

Simmel analisa a sociedade como um jogo interacional no interior de situações diversas que abrem alternativas várias às ações entre os indivíduos presentes ao ato interativo, ou situação. O que possibilita a esses indivíduos, na troca comunicacional, responderem e transmitirem impulsos emocionais que os achegam ou os afastam, mas que os fazem dependentes uns dos outros, e que só se encontram como pessoas nessa tensão emocional do encontro social.

Para Simmel, assim,

...[a] sociedade existe onde vários indivíduos interagem. Esta interação surge sempre a partir de certos impulsos... ou por causa de um propósito definido. Os impulsos [ao outro], os propósitos de defesa ou ataque, de vicissitudes, de aquisição, de assistência, bem como de instrução e inúmeros outros possibilitam aos homens estar juntos, trabalhar uns para os outros, trabalharem juntos, [ou] atuarem uns contra os outros, ou a entrarem em convivência mútua, isto é, de transferir efeitos sobre os demais homens e receber os efeitos deles em si. Essas interações significam que os portadores individuais desses impulsos e fins se tornem uma unidade, se tornem uma *sociedade*¹ (Simmel, 1908, p. 3-4).

É esse compartilhar tenso, portanto, que fundamenta a socialidade, enquanto cultura emotiva de busca e achego ou afastamento do outro, e que monta alternativas e trajetórias que dão origem a sociabilidades e produzem moralidades que permitem união, que erigem sociedades e suas reações internas e externas a outras sociabilidades e moralidades consideradas divergentes. Sempre como um jogo tensional entre sentimento de pessoa, e de pertencimento a um lugar, tanto quanto, de sufoco e medos.

Uma cultura emotiva é entendida aqui pelo conjunto de emoções envolvidas em um jogo situacional e a sua condução na prática comum da troca relacional, em que parceiros convivem e partilham concepções sobre o mundo comum em cena situada. A cultura emotiva, embora recheada de sentidos morais de pertencimento, tensiona permanentemente a lógica social da moralidade instituída em cada processo de negociação advindo no e do jogo situacional em que indivíduos sociais interagem (Koury, 2017, p. 11). A noção de sociedade em que se situa este ensaio, por conseguinte, tem a sua presença enquanto instância microssocial de relações entre indivíduos, e de situações sociais em que justificações e formas de enfrentamento montam e remontam teias de significados no interior de alternativas possíveis para o acionamento de propostas e proposições que permitam a busca de consenso e a continuidade sempre tensionada do jogo relacional em processo.

¹ Tradução livre – MK

Parte-se, aqui, destarte, da noção simmeliana de sociedade como sociação e sociabilidade, e da noção de situação elaborada por Thomas & Thomas (1928, p. 571-572) cuja definição informa que "se as pessoas definem certas situações como reais, elas são reais em suas consequências". No jogo relacional que mobiliza uma situação social dada em uma cultura emotiva e em uma conjuntura moral delimitada, deste modo, os agentes ou atores envolvidos no agenciamento de alternativas relacionais e comunicacionais, configuradas nesta dada situação, se apresentam e se conformam sempre de forma tensa e ambivalente.

Nesse ambiente, onde se desenvolve o jogo interacional, os agentes ou atores buscam definir as situações (Thomas, 1923, p. 42) em que se encontram. O que permite um desenvolvimento compreensivo das alternativas viáveis à busca de um uma continuidade ou a retornos à normalidade normativa concensuada.

Nesta busca de alternativas viáveis, as interpretações dos atores-agentes de uma situação dada em processo causam a ação. Para Thomas (1923, p. 42), por conseguinte,

preliminar a qualquer ato de comportamento autodeterminado há sempre uma etapa de exame e deliberação que [se pode] chamar de *definição da situação*. E, na verdade, não apenas os atos concretos dependem da definição da situação, mas, gradualmente, toda uma política de vida e a personalidade do próprio indivíduo em si...²

estão em processo permanente de autoavaliação, em cada situação em que se encontre envolvido e que precise se situar e agir.

A noção de situação é deste modo sempre definida, - de acordo com a leitura de Goffman realizada por Isaac Joseph (2000, p.10), - em relação a um espaço-tempo actualmente decidido, no qual os compartes partilham ou controlam suas aparências, suas linguagens corporais e suas atividades. Assim, para Goffman (2012), as significações dadas a e experimentadas em uma situação são definidas a partir dos cenários organizacionais que a delimitam e o envolvimento subjetivo dos agentes-atores sociais nela imersos.

A ideia de situação, portanto, combina um espaço e uma temporalidade com as relações entre as pessoas e coisas, a partir dos encontros interacionais. Encontros interacionais estes que possibilitam a ação dos personagens em cena. Nos embates e por meio deles, através dos cenários armados, os agentes criam e recriam os códigos morais a partir de experiências vividas e experimentadas na troca intersubjetiva como cultura emotiva.

O processo social, - do mesmo modo visto a partir de uma ótica interacionista, - assim, alude a ideia não de "uma interação imaginada de forças invisíveis ou um vetor estabelecido pela interação de múltiplos fatores sociais, mas [como] um processo observável de interação simbolicamente mediada" (Becker, 2009, p. 62)³. Para Thomas (1923) e Thomas & Znaniecki (1918), as interpretações não são objetivas, e as ações são afetadas por percepções subjetivas nas trocas entre atores no jogo relacional configuracional de cada situação experienciada.

Qualquer definição de situação, por conseguinte, influencia o presente dos indivíduos e grupos nela envolvidos, de forma sempre tensional (Thomas, 1923, p. 42). Porém, igualmente, funciona como busca de reposicionar as interpretações para o interior de uma normalidade normativa capaz de proporcionar um reequilíbrio mesmo que sempre frágil (Elias, 1994) das forças no jogo relacional em processo, como uma

² Tradução livre – MK.

³ Tradução livre – MK.

espécie de consenso mínimo que permita a continuidade da situação, constituindo o que Berger e Luckmann (1985, p. 95) chamam de sedimentação intersubjetiva.

Este consenso mínimo, frágil, essa sedimentação intersubjetiva configurada, conforma a normalidade normativa de uma situação e ergue arcabouços emocionais e morais que perfazem uma cultura emotiva e um sentimento de pertença entre os atores e grupos nela envolvidos. Neste cotidiano emergido da situação em consenso mínimo se estabelece entre os agentes ou atores um sentimento de reconhecimento mútuo que orienta as regras e normas de conduta e ação individual e dos pares relacionais, localizando os indivíduos, e os outros afins, como pertencentes a uma dada cultura emotiva e participando de todo um conjunto de expectativas emocionais, morais e identitárias que os fazem se sentir um *nós*, uma unidade socialmente disposta.

No cotidiano surgido da situação em consenso mínimo, assim, os agentes ou atores vivenciam uma sensação de proteção pelos pares em apoios mútuos, e um sentimento de aceitação e de compreensão dos sentidos irmanados na ação comum e individualizada. No cotidiano tudo se encontra referido a um sentido lógico de pertencimento, onde os indivíduos se sentem acolhidos.

Quebra da normalidade normativa e processos de vulnerabilidades sociais

Quando, porém, não é mais possível o equilíbrio tênue na rede relacional em jogo em uma dada situação, a possibilidade de dar continuidade a experiência se fragiliza, e muitas vezes se rompe, e a normalidade normativa se vulnerabiliza e, às vezes, é quebrada. O que dá origem a uma nova densidade situacional.

A situação agora se torna tensa e, às vezes, se processa de formas traumática e conflitual. Nela e através dela as partes em troca vivenciam um sentimento de fracasso moral e uma espécie de ruptura das normas morais de conduta e dos sentidos de reconhecimento do outro pelo outro, e de pertencimento (Jaspers, 1974).

A situação em processo de definição e atribuição de significados morais e consensuais de continuidade se vê, neste momento, atingida por cenários e acontecimentos que desorganizam o universo moral local e fragilizam os laços de reconhecimento e pertença orientados pela cultura emotiva que o movimenta.

Este processo de desordem na ordem por eles constituída apanha os atores de surpresa, modifica as suas relações e os faz sair do cotidiano em busca de uma restauração do 'bem viver'; e de dar continuidade a este mesmo cotidiano, agora fragmentado pelo abalo que os afetou não apenas como indivíduos, mas como pessoas em troca relacional.

Os cenários e acontecimentos que desorganizam o universo moral local podem ser entendidos como um conjunto de ações sociais cujos sentidos extrapolam, em suas consequências, as expectativas de uma normalidade normativa dada. Como um ato extraordinário, por conseguinte, desorganiza o sistema social de posições e de classificações morais, e gera espaços interacionais liminares (Turner, 2005) e um enorme desconforto moral e emocional para os atores envolvidos.

Os cenários e acontecimentos que desarranjam o mundo moral são sentidos como um ato extraordinário, e definidos como um componente de vergonha e de vergonha-desgraça (Scheff, 1990). O que gera situações que alude à perda da fachada que organiza o fluxo interacional em um evento social qualquer.

A desorganização provocada pelo desarranjo do mundo moral fragiliza os laços sociais que se fragmentam até uma possibilidade tensa de ruptura nas relações. A procura de restauração da situação atingida, deste modo, se vê mesclada por justificações, por desculpas, por acusações e por formas diversas de construções morais e de concepções do justo e do 'bem'.

Todos sentem a vergonha-desgraça ‘no ar’, se sentem perdidos, receosos, confusos, e a espera de um advento ou caminho que remonte a ordem ‘natural’ vivida na e através da ideação da normalidade normativa rompida. Assim como se fundam públicos (Gusfield, 2014, p. 287-288) e arenas públicas (Cefaï, 2014; Schütz, 2012) onde os processos que levaram a desordem local são debatidos, e em que interpretações imagináveis ou propositivas sobre a desordem e desorganização social do lugar são lançadas tendo em vista o gerenciamento de alternativas para a remontagem ou para a tecelagem de uma situação mais adequada.

Este momento é chamado por Jaspers de situação limite. Jaspers chama de situações limites, conseqüentemente, as situações sentidas, experimentadas e pensadas nos limites da existência (Jaspers, 1967, p. 302). As situações limite, então, para Jaspers, são situações inalteráveis. São como um muro em que se esbarra e nada há a fazer, e nas quais não há mais saída para a coerência. Todo o sentido perece, e fica apenas a sensação pessoal de fracasso (Jaspers, 1932, v. 2, p. 178). Karl Jaspers, dentro de uma linguagem existencialista, assim sendo, denota apenas nas situações vividas por um indivíduo os elementos definidores de situações limite.

Boltanski (1990, p. 105 a 118) prefere - ainda que preso a uma análise estrutural que dá mais ênfase a estrutura de que as agências interativas dos atores em jogo, - chamar as situações limite de situações críticas e as abrange para a análise social. As define como situações problemáticas nas quais os acordos implícitos que movimentam a normalidade normativa de um lugar são sentidos como ameaçados.

São momentos, deste modo, em que processos considerados como provocadores de possíveis desordens vêm à tona, e a maneira como tais desordens são percebidas pelos relacionais que a vivenciam. Ou, mesmo, sobre como buscam acompanhar o processo de desorganização normativa, ou projetar suas conseqüências possíveis e tentar garantir o retorno à normalidade, ou a lançar justificativas sobre o que levou àquela situação e às implicações prováveis sobre ela.

Neste ensaio, os processos geradores de uma situação limite ou de uma situação crítica são entendidos através de uma ótica interacionista. Isto é, como o vínculo engolfado (Scheff, 1990) de relações que se estabelece após a ultrapassagem moral de um dado sistema de expectativa em um processo situacional qualquer. Processo situacional este em que atores sociais envolvidos se encontram na iminência da produção de ofensas e transgressões, gerando nos demais preocupações e problemáticas em torno do que fazer para salvar a situação, ou mesmo abrindo um cenário de falência moral na sociabilidade em questão.

De acordo com Goffman (2014) as situações limites ou as situações críticas de um social qualquer são situações de quebra do sistema de expectativas no interior do jogo simbólico-interativo social, produzindo situações de crise. Situações de crise estas em que os agentes-atores vulnerabilizados necessitam confirmar a realidade onde a situação se passa de um modo mais explícito e intenso. O que provoca choques pela sensação de destruição do universo simbólico e moral construído e vivido, com o aumento das emoções vergonha e medo, ou do não saber o que fazer e como agir. O que leva os agentes-atores em cena a um estado de espera, ou de rejeição da situação de desordem e a descoberta do engodo em que se encontram, junto aos outros relacionais, perante os elementos dispostos e de que não têm controle.

O engolfamento das relações, assim, segundo Scheff (1990, 2016), reduz as capacidades cognitivo-expressivas e as possibilidades de ação de cada agente-ator social mediante o constrangimento do self individual na situação de embaraço do grupo em que foi subsumido, e cujas faces ou fachadas, coletivas e individuais, se encontram ameaçadas. As emoções e os vínculos sociais e morais que formam e informam os

sentimentos, são assim o resultado de negociações tensas e indeterminadas, em que desponta o caráter transintencional e situado da ação e a natureza contingente e assimétrica da comunicação de conteúdos sociais pelos indivíduos em interação. As sociabilidades, deste modo, formam um mundo emocional e moral vivido, mas, constitucionalmente sempre frágil e sujeito a reajustes cotidianos e a situações de engolfamento que produzem cenários tensos de fracassos, de quebra de laços e de destruição.

Estes aspectos problemáticos da interação são definidos por Goffman (2011) como vulnerabilidades interacionais. Goffman aponta para o caráter dúbio da vergonha e do constrangimento social: em que os termos “pessoa de vergonha” e “pessoa sem vergonha” aparecem como expressões que indicam o sentimento de vergonha não apenas como limitação à ação legítima, mas também como aptidão do ator social para o jogo interacional.

Em suas palavras:

ao entrar numa situação em que recebe uma fachada para manter, [uma] pessoa assume a responsabilidade de vigiar o fluxo de eventos que passa diante dela. Ela precisa garantir que uma ordem expressiva particular seja mantida... (Goffman, 2011, p. 17).

O autor pondera, também, sobre o desconforto da co-presença e sobre o custo emocional e social das expectativas morais projetadas na interação nos seguintes termos:

acima de tudo, o constrangimento tem a ver com a figura que o indivíduo representa diante dos outros considerados presentes naquele momento. A preocupação crucial é a impressão que se dá sobre os outros no presente... (Goffman, 2011, p. 96).

Neste sentido, Goffman discorre sobre um vocabulário próprio de situações de constrangimento. Situações estas em que o *Eu* está presente, mas não em “jogo”, em razão da quebra de expectativas morais em relação aos demais *Eus* no jogo.

É esta situação de quebra do sistema de expectativas morais que constitui, para este autor, uma situação crítica ou limite. Quebra de expectativas esta que pode conduzir a interação a um processo traumático de esfacelamento do mundo emocional e moral em que se assenta a situação, provocando vergonha-desgraça e falência moral; ou que pode ser gerenciada e conduzida a soluções parciais que conduzam à continuidade interativa da situação em jogo.

As vulnerabilidades interacionais apontam assim para a necessidade constante de administração das situações de constrangimento. Situações de constrangimento estas em que transgressões de fronteiras, de hierarquias sociais e do sistema de posições, - tais como status/papel e prestígio/desempenho - podem ocasionar a perda da fachada dos atores sociais envolvidos em uma ordem moral, expressiva e emocional, dada (Goffman, 2014). Goffman (2012) deste modo é enfático ao tratar a situação social e o self em jogo como elementos constitutivos da fachada enquanto princípio organizacional do tráfego social. O que constitui mundos emocionais e moral sempre frágeis, e reiteradamente construídos.

A situação social, para Goffman, - enquanto classe de eventos caracterizada pela copresença de atores sociais, brevidade temporal, limitação espacial, materiais comportamentais e ações reciprocamente orientadas no contexto de turnos de fala, ocasiões, ajuntamentos e intercâmbios sociais ritualmente iniciados e concluídos, - se organiza, deste modo, como ordem normativa, expressiva e comportamental. E, principalmente, como fluxo de conteúdos sociais acomodados na forma situacional.

Em uma situação social, portanto, a linha que o ator social constrói com o outro para si, enquanto padrão interacional estabilizado do *self*, e como a fachada que reivindica como valor social positivo a partir dos atributos sociais de sua linha, pode ser entendido como elementos de um *Eu* socialmente integrado e sujeito a um sistema de expectativas comum. Em um contexto engolfado de relações, contudo, a interação cotidiana se apresenta como potencialmente afetada por ocasiões de aguda vulnerabilidade, fragilidade, desentendimentos e ameaça de quebras de confiança, podendo gerar situações problemáticas, e até situações limite e traumas que fogem ao controle dos atores em jogo comunicacional e paralisam o tráfego social.

A definição do limite situacional em Goffman, portanto, é aberta. Porém sempre situadamente crítica.

A depender do jogo interativo experimentado em cada situação social, portanto, a ação transgressora pode ser contextualizada em fronteiras fluídas que vão da perda da face à desorganização normativa da ordem de expectativas societária dada. Assim, por exemplo, uma quebra de confiança pode ser administrada e solucionada em determinado tempo-espço, mas pode gerar um diminuto sentimento de trauma no social e nos indivíduos envolvidos na questão. Com o tempo e novos acontecimentos esse trauma pode se ampliar, e se expandir até se configurar em um novo problema gerador de uma situação crítica, em que novos gerenciamentos se fazem necessários para contorná-la, ou mesmo, da sensação do não se saber o que fazer se estabelecendo, então, um limite situacional que pode ser vivido como uma sensação de desagregação dos laços sociais e do sistema simbólico em que se assenta o conjunto de expectativas sociais do social em que tal situação se desenvolveu.

A experiência traumática, processada como uma situação crítica ou como uma situação limite, uma vez estabelecida como memória - e como ressentimento - pela quebra, ou pela possibilidade de esfacelamento dos laços sociais pode, desse jeito, desatar em processos de apropriação moral do evento. Evento que pode ser classificado como embaraçoso, como penoso, como problemático, ou até como responsável pela desordem moral sentida.

Neste espaço de vulnerabilidade social então entre outras possibilidades de caminhos, pode despontar, até mesmo, a eficácia das relações estabelecidas. E surgir daí ações impositivas para um projeto de ajustamento moral, a partir de uma leitura e definição da situação sentida como problemática, crítica ou limite que precisa de uma resposta restauradora, ou pressentida como potencialmente desagregadora da ordem moral constituída e que precisa ser eliminada.

As situações críticas e as situações limites são sempre problemáticas. E toda situação limite é consequência de situações críticas que se tornam problemas, ou problemáticas para os que a vivenciam. Elas produzem, assim, subsídios para a própria recomposição moral da normalidade normativa quebrada ou patra uma ação eficaz de controle impositivo sobre ela. O que autoriza a abertura de um leque de oportunidades que pode inclusive consentir ou deixar acontecer o uso político, econômico, social ou moral oportuno de seus recursos para fins de uma campanha moral de normalização do ambiente sensibilizado.

Goffman enfatiza a ligação emocional que o *self* desenvolve em relação à sua fachada, entendida como o compromisso de manter reputações em torno de status, papel e prestígio, de direitos e obrigações, e de afirmar e preservar performances e sensibilidades identitárias. A fachada, como constructo derivado das regras do jogo e das definições da situação, atravessa a subjetividade e se localiza difusamente no fluxo de eventos do encontro social, ou seja, no espaço simbólico entre os selves, de modo

que somente pode ser confirmada e reconhecida pelo outro relacional em um exercício de reciprocidade.

O constrangimento recíproco, ou a vergonha cotidiana (Goffman, 2011; Scheff, 2016), é assim o elemento emocional fundamental de uma ordem moral, regulando, portanto, a ordem expressiva e emocional possível. A relação linha – fachada, com efeito, aponta para a noção goffmaniana de social como sistema de expectativas, em que a confiança em si e no outro relacional, derivada da confiança nas regras do jogo, é o operador básico de uma sintaxe interacional perpassada por vulnerabilidades, riscos e patologias próprias da interação.

Os selves em interação respondem aos riscos dos encontros sociais com estratégias de manter a ordem moral em fluxo, ou seja, de preservar a fachada como princípio organizador da interação. Os atores sociais, assim, se mostram orgulhosos, honrados e dignos em relação à fachada que sentem como propriedade do self, ou vulnerabilizados quando envolvido pessoal ou coletivamente em situações problemas ou limites.

Em síntese, Goffman compreende a interação social como um ritual autorregulador, autorreferente e recíproco, que emerge como precipitado da própria experiência intersubjetiva, sempre contingente, arriscada e perigosa. A estrutura do self, com efeito, é resultado da relação de interdependência entre linha – fachada, sendo a preservação da fachada o princípio fundamental da ordem interacional e o dever de defender o self, portanto, se torna um dever sagrado para o ator social. Em suas palavras:

A natureza humana universal não é uma coisa muito humana. Ao adquiri-la, a pessoa se torna uma espécie de construto, criada não a partir de propensões psíquicas internas, mas de regras morais que são carimbadas nela externamente. Essas regras, quando seguidas, determinam a avaliação que ela fará sobre si mesma e sobre seus colegas participantes no encontro, a distribuição de seus sentimentos, e os tipos de práticas que ela empregará para manter um tipo especificado e obrigatório de equilíbrio ritual (Goffman, 2011, p. 49).

O social, nesta perspectiva, só se faz possível no jogo interacional entre atores ou agentes sociais autorreguladores. Ou seja, os atores ou agentes sociais em jogo constroem - moral e emocionalmente, - a si mesmos e ao outro, buscando manter a normalidade normativa da situação e, deste modo, testam e atestam, produzem e reproduzem processualmente culturas emotivas e códigos de moralidade, em cada novo encontro social.

Contudo, este self que desponta como um jogador, no jogo ritual de interações, se organiza também como imagem de si para o outro e para si mesmo, como narrativa de reputações e memória, e como linha e face individual. É neste sentido que a história natural⁴ de um lugar de pertencimento, enquanto instância que requer personalidade intensiva, por exemplo, se monta e remonta como um processo intersubjetivo gerador de códigos de moralidade e de culturas emotivas de fácil vulnerabilidade, ou de

⁴ Por história natural se entende aqui a trajetória retrospectiva de desenvolvimento e maturação de um acontecimento, na sequência de seus fatos e ações, ou em sua carreira moral, como um evento socialmente situado, quando narrado ou quando buscado ser explicado ou compreendido pelos personagens que o acompanharam de modo direto ou indireto até o seu acontecimento. Bem como pela percepção ou composição moral de suas consequências, ou o sentimento de culpa e pela sensação de perda de controle da situação que se desenvolvia e só foi tornada consciente no seu ato final. (Park, 2017; Katz, 2017).

dinâmicas restaurativas que remetem a noção de catarse durkheimiana (Durkheim, 1996).

É um processo que se caracteriza, desse modo, por um vínculo social de fortes exigências morais, porque fundado na liberdade individual, na lealdade, na confiança e na partilha de segredos (Simmel, 1977) e de intimidades (Koury, 2014). Esta unidade social, este *Nós* relacional constitutivo do vínculo social, assim, conforma *individualidades em tensão*. Individualidades em um jogo de se mostrar e se esconder do outro que define formas e limites da ação, ou seja, que delimita uma normalidade normativa que se expressa em comportamentos esperados.

O *Nós* relacional é entendido em Goffman (2012) como um *Microcosmo Organizacional*, e como um *Enquadre Vulnerabilizado*. As expectativas morais criadas na conformação do vínculo social são assim afiançadas por estratégias de controle de si e do outro, bem como por práticas punitivas de envergonhamento e amedrontamento do outro relacional.

Uma vez que ofensas e transgressões morais são disseminadas, - ou de tal modo imaginadas, - no fluxo transintencional e tenso do jogo interacional, se apresentam no social e nas arenas públicas que a problematizam, como uma situação problema a ser vencida. A situação resultante se apresenta, por conseguinte, para cada ator social envolvido, como uma sensação de vergonha-desgraça (Scheff, 1990). Ou seja, como a presentificação de uma memória e de uma narrativa que pode vir a findar na destruição do vínculo social, da fachada do grupo e dos selves individuais.

A situação problema ou a situação limite são assim reconhecidas no entrincheiramento moral e nos sentimentos de humilhação e ressentimento que cada relacional desenvolve em relação ao contexto interacional. A transgressão que causou o problema, então, se não resolvida pelos pares, pode se desdobrar em uma situação limite, fazendo emergir um processo de falência moral, em que semelhanças e dessemelhanças identitárias se confundem em um jogo ressentido de desculpas de si e de acusação do outro (Koury, 2016).

O ressentimento, assim, se configura como uma experiência dolorosa de rebaixamento moral acentuado. Remete a uma temporalidade recursiva causadora de assombrações, ironias e aforismos agressivos vividos na experiência da vergonha-desgraça e na fraqueza a ela subsequente.

O agente-ator social e a cultura emotiva que o envolve e delimita a sua ação moral, se encontram assim vulnerabilizados. A situação crítica ou a situação limite, resultado de relações engolfadas, se revela em formatos de injustiça, de quebra de confiança e de vergonha-desgraça.

O que proporciona, de um lado, a sensação de insegurança, e os sentimentos de medos sobre o que há por vir. De outro lado, porém, denota o minar dos vínculos interacionais e a desorganização dos espaços de relações onde se espelham os selves em jogo e a cultura emotiva de uma ordem moral. E, conseqüentemente, fragmenta a capacidade de se narrar o passado e de projetar o futuro, a não ser como idealização de um passado perdido ou que se foi, ou de uma presentificação da mesmidade, representada pela ironia enquanto resistência simbólica ao sentimento de fracasso e melancolia⁵.

Este ensaio, por fim, mais do que realizar uma discussão conceitual, apresentou um excuro sobre processos interacionais vistos em sua dimensão vulnerável de quebra de normalidade normativa, dentro de uma perspectiva simbólico interacionista e

⁵ A questão da ironia enquanto resistência simbólica ao sentimento de fracasso e melancolia não será trabalhada nesse ensaio, remeto o leitor, contudo para Koury (2016).

goffmaniana. Isto é enquanto situações densas e sujeitas a impasses, também sempre tensos, e a processos de falência moral e conflitos.

Processos interacionais esses, desse modo, sobrecarregados por ansiedades e medos; e, não obstante, igualmente, movidos por sentimentos de remontagem e de adequação dos elos partidos ou em processo de fragmentação: seja em possibilidades novas de pertencimento, ou na vontade irônica e melancólica de reconstrução de uma cultura emotiva sentida como perdida, ou idealizada como um passado sem retorno.

Referências

BECKER, Howard. The life history and the scientific mosaic. In: *Sociological work: method and substance*. (p. 63-74). New Brunswick: Transaction Publishers, 2009.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOLTANSKI, Luc. *El amor y la justicia como competencias: tres ensayos de sociología de la acción*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

CEFAÏ, Daniel. Investigar los problemas públicos: con y más allá de Joseph Gusfield. In: Joseph R. Gusfield. *La cultura de los problemas públicos. El mito del conductor alcoholizado versus la sociedad inocente*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, p. 11-58, 2014.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GOFFMAN, Erving. Sobre o resfriamento do marca: alguns aspectos da adaptação ao fracasso. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.13, n.39, p. 266-283, 2014.

GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. *Rituais de interação. Ensaaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUSFIELD, Joseph R. *La cultura de los problemas públicos. El mito del conductor alcoholizado versus la sociedad inocente*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2014.

JASPERS, Karl. *Die schuldfrage: Von der Politischen Haftung Deutschlands*. [A questão da culpa: a partir da responsabilidade política da Alemanha]. München: Piper, 1974.

JASPERS, Karl. *Psicología de las concepciones del mundo*. Madri: Editorial Gredos, 1967.

JASPERS, Karl. *Philosophie*. 3 vols. Berlin: J. Springer, 1932.

JOSEPH, Issac. *Erving Goffman e a microsociologia*. Rio de Janeiro: EdFGV, 2000.

KATZ, Jack. Uma teoria dos massacres íntimos: passos para uma explicação causal. *RBSE – Revista brasileira de sociologia da emoção*, v. 16, n. 46, p. 23-42, abril de 2017.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Etnografias urbanas sobre pertencas e medos na cidade. Estudos em antropologia das emoções*. Coleção Cadernos do GREM, n.11. Recife: Edições Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2017.

- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Quebra de confiança e conflito entre iguais. Cultura emotiva e moralidade em um bairro popular*. Coleção Cadernos do GREM, n.9. Recife: Edições Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2016.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Estilos de vida e individualidade: escritos em antropologia e sociologia das emoções*. Curitiba: Appris, 2014.
- PARK, Robert E. A história natural do jornal. *Sociabilidades urbanas – revista de antropologia e sociologia*, v.1, n.2, p. 33-44, 2017.
- SCHEFF, Thomas. A vergonha no self e na sociedade. In: Mauro Guilherme Pinheiro Koury e Raoni Borges Barbosa (Orgs.). *Vergonha no self e na sociedade: sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff*, p. 63-109. Recife: Ed. Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2016.
- SCHEFF, Thomas. *Microsociology: discourse, emotion and social structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- SCHÜTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SIMMEL, Georg. El secreto y la sociedad secreta. *Sociología. Estudios sobre las formas de socialización*, v. 1, (p. 357-421). Madrid: Edições Revista de Occidente, 1977.
- SIMMEL, Georg. Das Problem der Soziologie. *Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*. [O problema da sociologia, in: Sociologia, investigação sobre as formas de socialização]. 1º Auflage. (p.1-31). Berlin: Duncker & Humblot, 1908.
- THOMAS, William Isaac. The unadjusted girl: with cases and standpoint for behavior analysis. Boston: Little, Brown and Company, 1923.
- THOMAS, William Isaac; THOMAS, Dorothy Swaine. *The child in America: Behavior problems and programs*. New York: Knopf, 1928.
- THOMAS, William Isaac; ZNANIECKI, Florian. *The polish peasant in Europe and America. Monograph of an immigrant group*, v. 1. Boston: The Gorham Press, 1918.
- TURNER, Victor. Betwixt and between: o período liminar nos ‘Ritos de Passagem’. In: *Uma floresta de símbolos: aspectos do Ritual Ndembu*, (p. 137-158), Niterói: EdUFF, 2005.

